



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

MULHERES DA TERRA: RELATOS DE MULHERES COLONAS DO INTERIOR DE TAQUARA¹

*WOMEN OF THE LAND: ACCOUNTS OF COLONIAL WOMEN FROM THE INTERIOR
OF TAQUARA*

Ana Paula Moutinho Ferraz²

Resumo: Este artigo resgata as narrativas e o papel fundamental das mulheres colonas e rurais do interior de Taquara, RS, na construção social, econômica e cultural da região. A análise, baseada em relatos orais, revela a dupla jornada de trabalho árduo na agricultura e na gestão doméstica, muitas vezes frustrado pelas intempéries climáticas, e a importância das mulheres como guardiãs de saberes (culinária e cura) e pioneiras na organização comunitária (OASE). Os testemunhos também expõem o contraste entre a força produtiva feminina e o rígido controle social patriarcal que limitava sua autonomia e liberdade pessoal, especialmente na juventude. Através destes relatos e do resgate de suas memórias pretende-se valorizar essas mulheres como agentes históricas e importantes protagonistas da trajetória de seus antepassados, portanto fundamentais para a preservação da memória e da identidade da comunidade onde estão inseridas.

Palavras-chave: Mulheres. Relatos orais. Memória. Agricultura. Preservação.

Abstract: This article recovers the narratives and fundamental role of colonial and rural women from the interior of Taquara, RS, in the social, economic, and cultural construction of the region. The analysis, based on oral accounts, reveals the double burden of hard labor in agriculture and domestic management, often frustrated by climatic adversities, and the women's importance as keepers of knowledge (culinary arts and healing) and pioneers in community organization (OASE). The testimonies also expose the contrast between female productive strength and the rigid patriarchal social control that limited their autonomy and personal freedom, especially in youth. Through these accounts and the recovery of their memories, the aim is to value these women as historical agents and important protagonists in the trajectory

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada: Vozes e silêncios: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher "colona" na comunidade de Rio da Ilha de 2014. Professor orientador: Wilhelm Wachholz.

² Graduada em História (UNISINOS), graduada em Geografia (UNINTER), especialista em Educação Inclusiva (ULBRA), especialista em Gestão Escolar (ISEI), Mestra em Teologia (FACULDADES EST) e Doutoranda em Teologia (FACULDADES EST). E-mail: anamferraz@gmail.com

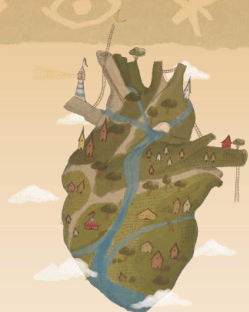
26 A 29 DE AGOSTO DE 2025
Local: Faculdades EST
São Leopoldo/RS – Brasil

Realização:



Apoio:





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

of their ancestors, thus being fundamental for the preservation of the memory and identity of the community where they are inserted.

Keywords: Women. Oral accounts. Memory. Agriculture. Preservation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história do desenvolvimento socioeconômico do interior do Rio Grande do Sul, e em particular da região de Taquara, “é inseparável da trajetória da agricultura familiar e da colonização, predominantemente germânica”³. Contudo, a historiografia tradicional tende a invisibilizar o papel central desempenhado pelas mulheres nesse processo. A elas coube a responsabilidade pela reprodução da vida e pela manutenção cultural em um ambiente de escassez e exigências laborais intensas.

Este estudo se propõe a analisar a experiência das mulheres rurais de Taquara a partir da perspectiva de gênero e memória, utilizando relatos orais como fonte primária, confrontando-os com o arcabouço teórico sobre o trabalho feminino, a família patriarcal e a construção do corpo social. O objetivo é dar visibilidade à sua atuação enquanto agentes históricas, ressaltando o esforço produtivo, o peso da ordem moral familiar e a relevância da recuperação de suas memórias para a identidade comunitária.

A necessidade de resgate dessas vozes alinha-se à crítica histórica de Michelle Perrot, que busca incluir os “excluídos da história”⁴. Conforme apontam, a recuperação desta memória é uma questão fundamental na escrita da história das mulheres, seja porque elas

[...] ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo negou-se a investigar, ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constitua a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.⁵

Deste modo, a escuta sensível dessas histórias e a valorização dessas memórias tornam esse estudo e consequentemente o presente artigo, que é um desdobramento deste

³ ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1984. p. 23.

⁴ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 54.

⁵ SOUSA, Cyntia Pereira de. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 61-76, maio/ago. 1996. p. 62.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

estudo, necessários e fundamentais na contribuição da preservação da memória teuto-brasileira no sul do Brasil.

BREVE HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

A imigração alemã para o sul do Brasil, marco fundacional de diversas comunidades rurais, teve seu início formal em 1824, com o estabelecimento da primeira colônia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Este movimento migratório foi incentivado pelo Império Brasileiro com o objetivo de povoar regiões de fronteira e desenvolver a agricultura familiar, suprimindo a carência de mão de obra livre. Os colonos, predominantemente pequenos agricultores e artesãos, foram alocados em lotes de terra na serra e em vales, onde estabeleceram um regime de subsistência e, posteriormente, de excedente para o mercado.

A região de Taquara, integrante do Vale do Paranhana, recebeu parte significativa desse fluxo ao longo do século XIX. Os imigrantes trouxeram consigo não apenas técnicas agrícolas, mas também uma rígida estrutura social e cultural, de forte base familiar e religiosa. A igreja e a escola tornaram-se pilares na preservação da identidade germânica. Essas duas instituições formaram a base para a construção da comunidade e de uma nova identidade, afinal “a fixação desses colonos transformou radicalmente a paisagem e a economia regional, consolidando um modelo de agricultura familiar que, embora eficiente, impôs uma rotina de trabalho exaustiva a todos os seus membros, especialmente às mulheres”⁶.

Conforme alguns autores pesquisadores sobre colonização alemã afirmam que no início foi de extrema penúria e dificuldades incalculáveis, já que a região onde se instalaram era composta por mata nativa pouco explorada. Deste modo:

Por certo, o que mais surpreendeu os colonos quando tomaram posse de seus lotes no interior da fronteira verde, representada por essa massa de vegetação, foi o tamanho das árvores, o grande número de espécies, as distintas dinâmicas ecológicas de crescimento, de sucessão e de clímax, o tipo de solo e as pragas, para citar apenas alguns exemplos.⁷

⁶ ROCHE, 1984, p. 32.

⁷ BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 323-340, 2008. p. 326.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

A partir da instalação das primeiras famílias, o papel da mulher nessas comunidades recém-formadas foi fundamental para a construção, não só do espaço geográfico, mas principalmente da fundamentação e assimilação dessas pessoas nesse novo espaço:

No princípio da colonização, os imigrantes se ocupavam com o trabalho nas lavouras, aonde, muitas vezes, ia toda a família, mesmo crianças pequenas. As mulheres faziam um tipo de abrigo com quatro varetas cravadas no chão, que nas pontas tinham um pequeno galho com formato de 'V', chamado de 'forquilha'. Essas varetas serviam de suporte para galhos com folhas, que se tornava um abrigo para as crianças pequenas e para as pessoas realizarem suas refeições durante o trabalho na roça. Nos períodos de preparo dos roçados, os colonos tomavam um café da manhã reforçado, pois sabiam que levaria bastante tempo para ocorrer a próxima refeição.⁸

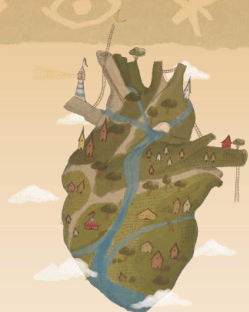
Sendo assim, foi através do trabalho intenso dessas mulheres, que por muito tempo foram invisibilizadas, que a colônia cresceu, sustentada e representada pela figura feminina, mesmo que esta não seja considerada o agente fundamental na construção do espaço da colônia, porém:

São as mulheres as responsáveis pelo cuidado individual no cotidiano da família. As meninas, mesmo crianças, são lentamente iniciadas no cuidado quando aprendem a preparar os alimentos, a cumprir os diferentes rituais de limpeza da casa, do pátio, a plantar hortaliças e flores. A característica da mulher cuidadora vai sendo ensinada pela avó, mãe ou responsável (madrinha, tia), de forma muito peculiar.⁹

Essa ligação da imigrante alemã com a terra e com tudo que ela proporciona e significa para ela e para sua família, vai além da produção e do sustento, são marcas profundas que fazem parte da estrutura e da construção da identidade teuto-brasileira e ligam suas vidas aos seus antepassados, como veremos a seguir.

⁸ FRIEDRICH, Fabiana Helma; WITTER, Nikelen Acosta. A adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grande do Sul: 1850-1930). *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 69-83, 2012. p. 8.

⁹ HECK, Rita Maria; LANGDON, Esther Jean Matteson. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 129-151. p. 133.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ E A RELAÇÃO COM A TERRA

O processo de colonização alemã em diversas regiões do Brasil, particularmente no Sul, foi profundamente moldado por uma relação intrínseca e culturalmente específica com a terra. A vinda desses imigrantes, impulsionada tanto por crises econômicas e sociais na Europa quanto por políticas de incentivo do governo brasileiro, não se limitou a uma simples ocupação territorial; constituiu-se em um projeto de vida focado na propriedade, na produtividade e na fixação. Desde modo:

Ao contrário de outros modelos de ocupação, muitas vezes baseados no latifúndio e na monocultura de exportação, o modelo germânico priorizou a pequena propriedade familiar (a *colônia*), destinada à policultura de subsistência e, posteriormente, à formação de um mercado interno.¹⁰

A concepção de terra para o colono alemão era a de um bem a ser trabalhado intensamente, melhorado e transmitido às futuras gerações, vinculando a identidade familiar e o sucesso social diretamente ao seu pedaço de chão. Por isso a mulher “colona” vê na terra mais do que sustento, vê esperança e continuidade das futuras gerações.

Essa visão de mundo, enraizada na ética protestante (majoritária entre os imigrantes) e na tradição camponesa europeia, conferiu à agricultura um caráter quase sagrado e moral. O trabalho duro e metódico na terra era visto não apenas como um meio de sobrevivência econômica, mas como uma virtude e um dever. A técnica agrícola que trouxeram, mais intensiva e diversificada do que a praticada nas grandes fazendas, permitiu um uso mais sustentável, embora não isento de impactos, dos ecossistemas locais, como o desmatamento para a formação de lavouras e pastagens. A terra se tornava, assim, “o símbolo da autonomia e da ascensão social dentro da nova sociedade brasileira, contrastando com a estrutura agrária preexistente, baseada em relações de trabalho frequentemente compulsórias ou de dependência”¹¹.

A negociação e o conflito inerentes ao estabelecimento dessas colônias também definiram a relação com a terra. Os colonos frequentemente se deparavam com a

¹⁰ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação antropológica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. p. 78.

¹¹ DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: a luta por uma identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 45-46.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

necessidade de abrir suas propriedades em áreas de Mata Atlântica densa, e, crucialmente, em terras tradicionalmente ocupadas por povos indígenas ou caboclos.

A obtenção da posse da terra, seja por compra de lotes demarcados pelo governo (o sistema de *parceria* ou *loteamento*) ou por ocupação e posterior legitimação, foi um processo marcado por disputas fundiárias e pela expulsão das populações nativas. Dessa forma, “a construção da identidade étnica e da prosperidade da colonização alemã está umbilicalmente ligada à despossessão de outros grupos sociais e à afirmação de um direito de propriedade imposto e legitimado pelo Estado”¹².

A persistência dessa estrutura fundiária de pequena e média propriedade, característica da colonização alemã, deixou um legado duradouro na paisagem e na economia regional. Ao longo do tempo, a terra deixou de ser apenas um recurso de subsistência e passou a ser tratada como um ativo de mercado, resultando em processos de êxodo rural, modernização agrícola e, mais recentemente, em questões de sucessão hereditária e concentração. No entanto:

O ethos do trabalho na terra e o valor simbólico da *colônia* permanecem como elementos centrais na memória e na identidade cultural das regiões de imigração alemã, evidenciando como a chegada desses grupos reconfigurou permanentemente a dinâmica agrária e social do Sul do Brasil.¹³

A DUPLA JORNADA, O CORPO E A LUTA PELA SUBSISTÊNCIA

Dentro das comunidades o papel da mulher colona ia muito além do papel desempenhado pelo homem. Enquanto ao homem cabiam os afazeres ligados diretamente ao trabalho na terra, às mulheres precisavam cuidar da casa, dos filhos e da roça. Essa rotina era vista como parte do “dever” de ser mulher, afinal:

Aprender a gerir a alimentação do outro, é parte da agenda educacional feminina que acontece dentro de casa de maneira bastante informal e oralizada através da figura materna. É ela que irá transmitir às filhas as virtudes que deve ter uma boa mulher. Em termos práticos, isso se traduz principalmente em tarefas como a provisão de comida à família (amamentação, abastecimento de alimentos e preparo culinário) e o cuidado

¹² ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 120.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os alemães*. São Paulo: Contexto, 1994. p. 56.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

com filhos e doentes (inclusive com a administração de medicamentos feitos à base de ingredientes também culinários).¹⁴

Portanto, a vida na colônia para essas mulheres era marcada por um regime de trabalho exaustivo, onde a distinção entre trabalho produtivo (na roça) e reprodutivo (no lar) era tênue, mas a hierarquia de valor permanecia. Ser a base sólida que edifica o lar deveria ser sua principal função e seu trabalho primordial deveria ser estar voltado para isso, pois “a história do trabalho feminino é inseparável da história da família, das relações entre os sexos e de seus papéis sociais, e que a família era a verdadeira ancoragem da existência das mulheres.”¹⁵

Além disso, a família camponesa, como estrutura de produção, precisava do papel da mulher na roça, auxiliando no sustento da família pois “exigia que a mulher fosse coprodutora, uma característica fundamental das economias de subsistência no Brasil.”¹⁶

O trabalho na roça, essencial para a subsistência (plantio de feijão, arroz, milho, aipim, criação de porcos e gado leiteiro), era compartilhado por toda a unidade familiar. Mas a real importância do trabalho feminino no campo, em especial das mulheres imigrantes alemãs, dificilmente aparece como relevante em relatos históricos sobre a trajetória das primeiras famílias de migrantes, uma vez que:

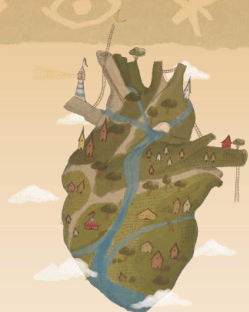
A imagem construída e difundida sobre as mulheres da área de imigração alemã no Rio Grande do Sul, que colocava as mulheres em um lugar secundário, sem grande expressividade no mundo do trabalho. Na maioria das interpretações realizadas pelos estudiosos da imigração alemã, as mulheres eram protagonistas do espaço doméstico, ficando sua atuação reservada ao espaço privado da casa, da família e dos afazeres considerados como próprio de mulheres.¹⁷

¹⁴ ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: A herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 39, p. 431-445, jul./dez. 2012. p. 437. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000200015>.

¹⁵ PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 11.

¹⁶ WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*: um estudo sobre a colonização do Nordeste. Brasília: Editora UnB, 1995. p. 54.

¹⁷ MEYRER, Marlise Regina; GEVHER, Daniel Luciano. “E elas ainda tinham filhos!?”: mulheres e trabalho na antiga colônia alemã de São Leopoldo (final do século XIX e início do século XX). In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; CARDOZO, José Carlos da Silva; SILVA, Jonathan Fachini da (Orgs.). *História das mulheres no Brasil Meridional*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022. p. 274-298. p. 281.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

Mesmo não tendo o reconhecimento merecido essas mulheres vivem e resistem em suas comunidades até os dias de hoje. Porém, nem sempre a colheita acontecia e as coisas saíam como o esperado. Mesmo com o esforço produtivo eram pegadas de surpresa pelas condições adversas, como secas ou chuvas excessivas, que poderiam levar à perda total da produção. O relato a seguir captou a dureza da rotina e a incerteza climática:

“Mas da colônia, como era antigamente, eu não tenho saudade... era muito judiado pros meus pais, pra mim não, eu cuidei da minha vó. Meus pais trabalhavam na roça plantando feijão, arroz, milho, aipim, criando uns porquinho, umas vaquinha de leite... Às vezes a seca atrapalhava tudo, ou senão era chuva demais, apodrecia o amendoim, apodrecia o aipim, apodrecia o arroz. O trabalho era difícil e nem sempre dava o que tinha que dar. Minha mãe sofria muito.”¹⁸

Envoltas em incertezas e dificuldades, essas mulheres trabalhavam de sol a sol, sem descanso a fim de garantir o sustento delas e de suas famílias. Sustento esse que nem sempre era garantido e que precisava de tempo e paciência para acontecer. Por isso, quando tratamos sobre as mulheres colonas do sul do Brasil, o sustento da família está inserido em diversos contextos, já que:

“Quando nos reportamos ao tema família, especialmente o gênero feminino é associado diretamente ao cuidado e à preservação da mesma. A mulher é responsável pelo cuidado dos filhos, pelo asseio da casa e, no caso da mulher agricultora, o trabalho na roça também faz parte do seu cotidiano. Mesmo tendo um papel importante na produção, a terra não lhe pertencia, pois, segundo o direito patriarcal, a mulher fica subordinada mais uma vez ao poder do homem.”¹⁹

Além da imprevisibilidade da colheita e da falta de garantia e acesso à terra, pois esta estava atrelada ao “homem colono”, a reprodução biológica e social da família também se dava sob condições precárias, onde a saúde da mulher precisava se adaptar à realidade e as condições do local onde estavam. Como esta parte dizia respeito somente às mulheres, era um momento de espera e apreensão ao passo que:

¹⁸ Relato presente em: FERRAZ, Ana Paula Moutinho. *Vozes e silêncios: a revitalização da memória da mulher colona*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2014. p. 74.

¹⁹ FERRAZ, 2014, p. 67.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

O campo de atuação das mulheres que se dedicavam à arte de partejar podia ser bastante amplo e heterogêneo, atendendo pacientes de origens sociais variadas, com enfermidades diferentes ou que buscavam uma solução para gravidez indesejada. Dentro do universo da medicina popular, as parteiras se destacavam no atendimento das doenças femininas ligadas ao corpo e aos órgãos reprodutores, bem como os males que afetavam as crianças.²⁰

A hora do parto e o puerpério, além de impossibilitar o trabalho na roça, também trazem medo e insegurança à vida dessas mulheres. Era necessário que tudo corresse bem para que logo ela pudesse voltar ao trabalho. O relato a seguir ilustra a insegurança e as dificuldades de na assistência dessas mulheres no momento do parto:

“A primeira filha a mãe perdeu, porque daí o parto era difícil, da primeira a mãe sofreu muito, tirou a ferro, matou a criança, quase matou a criança, um menino, morreu. Daí depois eles ficaram com medo, e a mãe já tava com trinta e poucos anos, ela já casou, a mãe não era, a mãe já era de idade, daí já complicava tudo e na época não era como é hoje em dia, era tudo lá na roça, que nem pau na roça, e trabalhando até ganhar.”²¹

Esse testemunho evidencia como o corpo feminino era objetivado no regime de trabalho rural, sendo exigido até o limite da capacidade física, uma realidade distante dos “critérios de ‘verdadeira mulher’ idealizados, onde o corpo era, de fato, a ferramenta principal de produção e reprodução.”²²

SABERES DOMÉSTICOS E MEMÓRIA AFETIVA

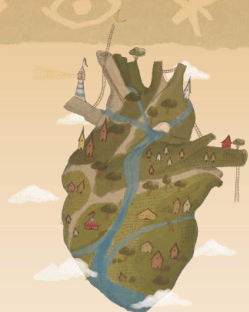
Apesar da subordinação social do trabalho doméstico, é nesse âmbito que a mulher rural se afirma como guardiã de saberes e técnicas. Por vezes, nesse espaço elas se sentem muito mais visíveis e produtivas, já “que muitas mulheres chegavam a preferir o trabalho agrícola ao doméstico, pois -o trabalho na roça a gente vê-, revelando a invisibilidade e o caráter cíclico e interminável do trabalho do lar”²³. Esta invisibilidade do trabalho doméstico e

²⁰ VENDRAME, Maíra Ines. Parteiras imigrantes: atuação, conflitos e redes de apoio no campo profissional (Porto Alegre, final do século XIX). *Anuario de la escuela de historia virtual*, Córdoba, v. 12, n. 19, p. 70-97, 2021. p. 73.

²¹ FERRAZ, 2014, p. 73.

²² SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. *Textos de História*, Brasília, v. 8, n.1/2, p. 47-84, 2000. p. 42.

²³ BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004. p. 212. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

do cuidado é “um tema central nas relações de gênero”²⁴, quanto a posição da mulher na família camponesa.

Contudo, os relatos mostram que o trabalho doméstico envolvia o domínio de técnicas complexas, como o beneficiamento de alimentos, que iam muito além da simples rotina de limpeza. No relato que segue, é possível perceber o quanto era necessário ter hábito e a perícia para o preparo de roscas, transformando o ato de cozinhar em uma arte ligada à identidade e ao afeto:

“A mãe fazia aquelas roscas, ela botava aquelas rosquinha deste tamanhinho assim dentro do forno, umas rodelinha assim em cima da forma de bananeira, bem varridinho aquele forno! Ela enfiava com a pazinha assim, e largava e largava. Ela fechava, ela fechava, ia lá e espiava. Ela tinha um porrete, era um cabo de vassoura, ela batia em cima daí elas estouravam! Ficava linda aquelas rosca... e gostosa! Ai meu Deus do céu... eu caminhava longe para ir comer rosca, rosca com chimia e nata!”²⁵

Aliás, o espaço da cozinha, do preparo dos alimentos era um espaço sagrado, onde mães e avós ensinavam meninas tudo que elas precisam saber para ser boas esposas e mães, mas vai muito além disso, elas aprendem a preservar e perpetuar aquilo que foi sendo construído a partir da chegada de seus antepassados, pois:

Se a casa era o ‘templo’, seu altar era a cozinha. O fogão, o sacrário. Este universo feminino, povoado de mães, irmãs e filhas, tinha também seu altar, sua mesa de alquimista, seu confessionário, seu tribunal, sua caixa de pandora – onde e de onde emanava o poder doméstico, concretizado no fogão. Era em torno dele que a mulher exercia o domínio da casa: enquanto preparava os alimentos para a família (o poder da sobrevivência), ouvia as queixas, dirimia contendas, ensinava catecismo aos filhos menores, transmitia códigos de valores, cobrava comportamentos, controlando a todos, especialmente as filhas e noras (e através delas, filhos e netos).²⁶

Este saber, transmitido pela mãe e por outras mulheres da família, torna-se um pilar da identidade cultural e da memória da comunidade. A comida, nesse contexto, é um elemento de preservação do aprendizado adquirido e de sentimento de pertencimento. Alimento

²⁴ BOHN, Neusa. O lugar da mulher na família camponesa: questões de gênero e o debate sobre a invisibilidade. *Revista NERA*, Presidente Prudente, v. 14, n. 24, p. 110-128, 2011. p. 115.

²⁵ FERRAZ, 2014, p. 75.

²⁶ FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 124.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

produzido e transformado por elas, as mulheres.

O PATRIARCADO E A FAMÍLIA COMO ORDEM MORAL

A família camponesa funcionava como a principal estrutura de controle social e moral. Na estrutura familiar “a distribuição da autoridade na família se fundamenta nos papéis diferenciados do homem e da mulher, sendo a autoridade feminina ligada à valorização da mãe, que cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar.”²⁷ No entanto, a autoridade decisória final, especialmente sobre o dever e a autonomia dos filhos, recaía sobre a figura masculina, o “chefe” da casa.

Dentro desta lógica, o núcleo familiar acaba delimitando os papéis de cada um de seus membros e evidenciando a superioridade masculina sobre a feminina diante do matrimônio, instituição sagrada que formaliza isso, pois:

Na ação prática dos indivíduos dos diferentes sexos em meio às demandas relacionadas à garantia de se manter vivo primeiramente e, em seguida, pelo alimento, pela segurança, pelo bem-estar individual e coletivo. Com isso surgiu a necessidade da instituição da família como um contrato, mas a partir da compreensão da figura masculina como superior para controlar e dominar a maioria formada por mulheres. Sendo assim, nota-se que coube a ideia de monogamia para selecionar e sedimentar uma lógica cuja divisão de trabalho culminou na institucionalização da exploração de um sexo sobre o outro.²⁸

A desigualdade na distribuição de poder e na hierarquia de gênero é uma característica estrutural da sociedade de modo geral, como discute, e que “se manifestava de forma brutal no ambiente rural”²⁹. Essa hierarquia era, em essência, “o que define como Gênero: uma categoria primária de organização social baseada em distinções percebidas entre os sexos”³⁰.

Essa distinção de papéis e de funções claramente estabelecidas, por vezes, foram reforçadas no meio rural. O relato a seguir é um testemunho pungente do rígido controle patriarcal e da clara desigualdade de gênero imposta as jovens do meio rural:

²⁷ SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994. p. 47.

²⁸ SILVA, João Nunes da et al. As transformações nos modos de viver em família e o papel social da mulher. *Humanidades & Inovação*, Palmas, TO, v. 8, n. 46, p. 344-353, 2021. p. 349.

²⁹ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 125.

³⁰ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. p. 83.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

“Acho que eu tinha dezesseis ano né, o Trabuco dezessete, por aí. Nós fumo num baile de carnaval... Cheguelo em casa o pai tava limpando peixe. Levei uma tunda, uma tunda, uma tunda que nunca mais me esqueço. Só porque eu fui no baile ele não tinha me dado orde né. Meu irmão apanhou, mais não tanto, porque ele já né... já era uma pouco mais né... era home!”³¹

A punição física desproporcional à jovem, apenas por ir a um baile "sem ordem", e a justificativa clara e internalizada da desigualdade ("era home!"), revelam que a liberdade e a autonomia da mulher eram severamente limitadas pela moralidade familiar. O pai detinha a autoridade máxima, e a transgressão da filha era vista como uma falha moral grave.

Deste modo, apesar de serem da mesma faixa etária, se esperava uma postura diferente, principalmente da menina, que além de desobedecer a figura do pai, o que por si só já era algo visto como postura desafiadora, expôs a família toda ao julgamento da sociedade, afinal:

A mulher é orientada para aprimorar tudo que se relaciona à habilidade manual, o que explicita delicadeza, sem que haja um vínculo direto com ganho econômico (fazer almoço, lavar roupa, fazer limpeza, cuidar dos filhos), enquanto o homem é levado a exercitar e desenvolver a musculatura de todo o corpo, exercendo atividades como colher soja, lavar, erguer peso, tratar de porcos, domar animais, contrastando com a delicadeza, qualidade permitida somente à mulher.³²

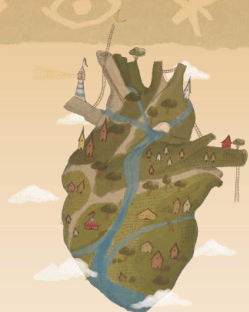
Apesar das restrições e da dureza do passado, os relatos apresentados até aqui demonstram um forte orgulho de ser e pertencer à comunidade agrícola, refletindo a construção da identidade atrelada à ancestralidade e ao modo de vida no campo. Mesmo em muitos momentos se sentindo inseguras e incapazes, as vozes e as memórias dessas mulheres foram e ainda são imprescindíveis para a perpetuação da memória da mulher produtora rural, ou "colona", como são chamadas no sul do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As "Mulheres da Terra" de Taquara, RS, representam um exemplo de protagonismo histórico forjado na contradição: agentes essenciais para a economia e a reprodução cultural da colônia, mas submetidas a um rigoroso controle patriarcal. A análise dos relatos orais

³¹ FERRAZ, 2014, p. 83.

³² HECK; LANGDON, 2002, p. 133.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

permitiu não apenas a visibilidade do seu trabalho produtivo e dos seus saberes (culinária, cuidado), mas também a compreensão das estruturas de poder que moldaram seus corpos e suas liberdades.

O ato de rememorar, em especial para a pessoa idosa, “é uma atividade salutar que permite ao indivíduo buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.”³³ A memória, como campo de luta e de afirmação da identidade, é essencial. Por isso é importante lembrar “que a memória é socialmente construída e transmitida, e o resgate desses testemunhos femininos rompe com o silêncio imposto pela história oficial”³⁴.

Ao resgatar e valorizar a memória dessas mulheres, este estudo não só contribui para a preservação da história local, como também lhes confere o reconhecimento e a importância de serem agentes históricas. “A valorização dessas vozes é fundamental para a identidade da comunidade, pois a memória está intrinsecamente ligada à construção identitária”³⁵. O legado dessas mulheres, marcado pela resiliência, pelo esforço e pela superação das adversidades, é a verdadeira âncora para a Taquara rural.

REFERÊNCIAS

- ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: A herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 39, p. 431-445, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000200015>.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOHN, Neusa. O lugar da mulher na família camponesa: questões de gênero e o debate sobre a invisibilidade. *Revista NERA*, Presidente Prudente, v. 14, n. 24, p. 110-128, 2011.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>.
- BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 323-340, 2008.

³³ BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 28.

³⁴ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 8.

³⁵ CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 102.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: a luta por uma identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FERRAZ, Ana Paula Moutinho. *Vozes e silêncios: a revitalização da memória da mulher colona*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

FRIEDRICH, Fabiana Helma; WITTER, Nikelen Acosta. A adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grande do Sul: 1850-1930). *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 69-83, 2012.

HECK, Rita Maria; LANGDON, Esther Jean Matteson. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 129-151.

MEYRER, Marlise Regina; GEVHER, Daniel Luciano. "E elas ainda tinham filhos!?": mulheres e trabalho na antiga colônia alemã de São Leopoldo (final do século XIX e início do século XX). In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; CARDOZO, José Carlos da Silva; SILVA, Jonathan Fachini da (Orgs.). *História das mulheres no Brasil Meridional*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022. p. 274-298.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os alemães*. São Paulo: Contexto, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1984.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*: uma interpretação antropológica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

SILVA, João Nunes da *et al.* As transformações nos modos de viver em família e o papel social da mulher. *Humanidades & Inovação*, Palmas, TO, v. 8, n. 46, p. 344-353, 2021.

SOUSA, Cyntia Pereira de. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 61-76, maio/ago. 1996.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. *Textos de História*, Brasília, v. 8, n.1/2, p. 47-84, 2000.

VENDRAME, Maíra Ines. Parteiras imigrantes: atuação, conflitos e redes de apoio no campo profissional (Porto Alegre, final do século XIX). *Anuario de la escuela de historia virtual*, Córdoba, v. 12, n. 19, p. 70-97, 2021.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*: um estudo sobre a colonização do Nordeste. Brasília: Editora UnB, 1995.